PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: PATRIMÔNIO E HERANÇAS AFRICAS NO BRASIL

Eurizando Gomes Caomique [1], Virgínio Vicente Mendes [2], Nayara Fernandes de Almeida Cunha [3]

RESUMO

O atual município de São Francisco do Conde-BA, na sua formação social, pode ser percebido como um município habitado por diversos povos, dotado de muitas línguas e culturas, que mais tarde sofreu processo violento de exclusão das diferentes identidades de criação de uma una, a franciscana. Suas muitas identidades se deve ao fato de que o município em questão foi palco de muitas invasões, sendo aquelas perpetradas pelos povos indígenas, portugueses e diversos povos africanos. Ele se construiu como um município rico nos aspectos da pluralidade, economia e cultura, no que tange a economia três fontes movimentaram a economia desse município: a pesca, o cacau e a cana de açúcar e atualmente o petróleo. Como marcas do processo colonial de ocupação do município, encontra-se as fazendas e os quilombos, este último chama a atenção por ser composto de povos remanescentes de quilombo, descendentes dos negros escravizados. As relíquias trazidas por esses povos, vão desde o modo de se expressar, caminhar, na culinária, nos diferentes sotaques, nas músicas, fazendas quilombolas entre outros fatores. Este trabalho, objetiva analisar juntamente com os alunos de uma maneira crítica, as estratégias que os povos oprimidos durante o processo de construção do município desenvolveram e as contribuições desses povos para que ele se ergue-se e se desenvolvesse nos seus mais diferentes aspectos: cultura, política, música, economia, diferentes hábitos. Nesta ordem de ideias o Porto Quilombo Dom João foi uma das referências que tomamos como exemplo que os tais povos agiram e reagiram, também, acrescemos sobre as diferentes linguagens não verbal, tomamos como exemplo, capoeira, samba, entre outros.

Palavras-chave:

Patrimônio. Heranças africanas. Quilombo.

[1] Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Malês, Discente, e-mail: gomescaomiquenesta@gmail.com
[2] Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Malês, Discente, e-mail: virginiovicente90@gmail.com
[3] Centro Educacional Claudionor Batista, Monte, Docente, e-mail: nayfac21@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente projeto de intervenção tem como mote desenvolver uma atividade de vivencia pedagógica em uma comunidade quilombola do município de São Francisco do Conde. O município tem marcas históricas de vários períodos em edificações e também na população que se revela em sua maioria negros como afirma o censo do IBGE 2010 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

O projeto foi desenvolvido no Centro Educacional Claudionor Batista que é uma escola municipal de fundamental II. A turma que participara da atividade é o oitavo ano B do turno matutino. O projeto de intervenção é o exercício do estudante de história em uma sala de aula que no futuro será seu ambiente de trabalho. É importante que o graduando coloque em pratica os aprendizados adquiridos em sua graduação por meio de um projeto que vise contribuir de uma forma significativa para a formação dos estudantes do nível fundamental II.

A proposta que desenvolvemos no sentido de fazer um estudo do meio partindo da reflexão sobre o quilombo D. João com sua história, identidade e resistência. Para isso cabe fazer uma análise do que é o quilombo D. João e como ele dialoga com os estudantes locais nas aulas de história. Além disso, fizemos análise de dois conteúdos Capoeira e Samba como mecanismos utilizados pelos povos oprimidos como fatores da resistência no que tange ao processo de colonização, e como elementos que corroboram na formação da cultura são franciscana, do Recôncavo Baiano e do Brasil. A quando aplicamos ele em sala de aula com os alunos, mesmo sendo do distrito reconhecido como quilombo, que vão participar do projeto percebemos que eles não conhecem a história do quilombo bem como mostraram desconhecimento quanto a existência da comunidade Porto D. João, e pouco têm conhecimento avançado a respeito de Capoeira e Samba. É importante fazer um trabalho de intervenção nesse sentido para que os alunos passem a conhecer essa parte da história social que faz parte da vida deles como cidadãos.

METODOLOGIA

Além de revisão bibliográfica, que irá complementar os livros, artigos, jornais, teses e periódicos produzidos por autores que se debruçaram sobre esta temática, além desses procedimentos, durante aplicação e materialização do projeto desenvolvemos um estudo etnográfica semi-estruturadas com os velhos e jovens que constituem o povo quilombola buscando relatos de experiências dos homens e mulheres que vivem no quilombo acima citado. Formas de fazer, de cultivar, de produzir, revindicar, costumes, dentre outros foram objetos que permearam a nossa intervenção, por outro lado, perceber o fazer-se quilombola na prática, de como este se relaciona com os demais povos são-franciscanos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados que conseguimos com esse projeto durante a sua aplicação pode se ver nas fotografias em seguida

Ressaltamos que, os Parâmetros curriculares nacional traz como importante o trabalho com o quotidiano dos alunos e também a lei .10639/2003 vem reforçar falando que o ensino de História da África e dos afro-brasileiros é obrigatório no ensino brasileiro:

> A Lei 10.639/03 propõe novas diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana. Por exemplo, os professores devem ressaltar em sala de aula a cultura afro-brasileira como constituinte e formadora da sociedade brasileira, na qual os negros são considerados como sujeitos históricos, valorizando-se, portanto, o pensamento e as ideias de importantes intelectuais negros brasileiros, a cultura (música, culinária, dança) e as religiões de matrizes africanas.

Segundo o Geografar existem dois tipos da ocupação do território conhecido como município de São Francisco do Conde, uma não datada pelos documentos oficiais e nem pelas construções dos monumentos seria ocupação de dois grupos coletores, pescadores e caçadores, índios Tupinambás e caetés negros. E a outra parte documentada e oficializada seria data de 1618, no século XVII, a marca da presença dos portugueses.

E após, 80 anos, se edificou a igreja de Nossa Senhora do Monte Recôncavo, e um convento, por ordem do conde de Linhares, e neste preciso período que o território em questão foi batizado como o nome e apelido de São Francisco do Conde, junção do nome de Francisco de Assis e do São Conde Fernão Rodrigues, herdeiros de terceiro governador-geral do Brasil Men de Sá. Não só, mas também as fazendas (Fazendas D. João, Fazenda D´água, Fazenda Engenho de Baixo) e engenhos, neles necessitavam de mão de obra escrava africana, que era utilizada nas grandes propriedades monocultivo salienta o Geografar

O município em discussão, a sua conquista pelos portugueses foi através das guerras aos índios que habitavam nas margens dos rios Paraguaçu e Jaguaribe, após a guerras de 1558 e 1559 que os portugueses venceram devido as alianças com outros povos índios, estabeleceram de produção: plantações de cana-de-açúcar e criação de gado.

No que despeito a questão quilombo e aos quilombolas, “toda a habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte desprovida, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles” (NASCIMENTO, p. 119, 2006), adicionalmente, “os negros fugiam, refugiavam-se na mata e ali criavam uma comunidade. Surgiam roçados, casebres e logo em seguida uma força guerreira e uma organização política e social baseada na propriedade coletiva.” (CHIAVENATO apud GEOGRAFAR, p 15, 2015)

A Funda Cultural Palmares entende os quilombolas como pessoas herdeiros dos africanos, tanto na questão biológico e cultural, e religiosa. Enquanto INCRA, (INCRA apud GEOGRAFAR, p 26 2018), “as comunidades quilombolas são grupos étnicos – predominantemente constituídos pela população negra rural ou urbana –, que se auto-definem a partir das relações com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias”. Para finalizar esta parte um morador deste quilombo Porto Dom João salienta “afirmamos que somos quilombolas, pois todos somos filhos e parentes daqueles que trabalhavam nas usinas e que foram expulsos de várias formas. Como não tinha para onde ir, esse lugar foi escolhido e ele nos aceitou, pois ninguém morre ou passa fome aqui.” (GEOGRAFAR, p 22, 2015).

O morador citado frisa que a ocupação do Quilombo Porto Dom João pelos negros se deu por escravizados que trabalharam no Engenho de Baixo, eles eram pescadores. A luta pelo reconhecimento da comunidade Quilombola iniciou se no ano 2003 a 2013, neste ano a comunidade foi certificado no dia18 de abril 2013, pela Fundação Cultural Palmares. E no dia 11 de junho de 2014, a comunidade pedir uma abertura do processo administrativo que lhe dará legitimidade do espaço que ela se encontra pelo órgão responsável que é o INCRA. Outro ator em jogo no local que merece ser mencionado aqui, no ano de 1949 início da construção da Refinaria Mataripe, e quatro anos depois a criação da Petrobrás se juntaram e deram a origem desta companhia sob o nome de Refinaria Landulpho Alves

A capoeira é uma arte multidimensional, o que significa dizer que é ao mesmo tempo dança, luta, jogo e música. Estes múltiplos aspectos se desenvolvem na roda, um ritual criado pelos capoeiristas que encena, por intermédio da performance corporal e rítmica, o movimento da grande roda do mundo(CASTRO,2008,p.1).

Quanto a origem da capoeira, alguns afirmam que ela não é propriamente do Brasil, mas pertencente ao país de Angola. Uma das teses mais usadas é a de que a capoeira surgiu no Brasil através da necessidade de combater a repressão sofrida pelos escravos durante o período da escravidão, a eles eram proibido qualquer tipo de luta ou algo que se assemelhasse a uma. Os escravizados, através de uma adaptação de movimentos, músicas e ritmos, formaram um tipo de luta, que hoje conhecemos como a capoeira, esse tipo de luta vem sendo historicamente marginalizada, vista como um ato de violência e subversão durante muito tempo sendo reprimida pelo estado.

Em 2004 novos rumos são dados a capoeira ao surgirem discursões em torno do quão representativo e expressivo do Brasil ela é, essas discursões foram responsáveis por, em 2008, a capoeira torna-se um patrimônio imaterial. Após 4 anos (2014) o reconhecimento da capoeira ganha dimensões internacionais através do reconhecimento da roda de capoeira como uma manifestação presentes em diversos países, passando a integrar a lista de patrimônios imateriais da humanidade através da UNESCO . De acordo com Filho (2018) junto com esse reconhecimento surgiu também uma disputa a quem a herança simbólica pertenceria gerando uma busca pelo “estilo ideal” merecedor do título. Ao fazer o reconhecimento o IPHAN e a UNESCO não determinou um tipo especifico de capoeira, mas fez uma abrangência de maneira geral.

CONCLUSÕES

Considerando a conjuntura sócio-histórica e cultural do Brasil, principalmente a partir da implementação da Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares. concluímos de que aplicação desso projeto de intervenção foi muito importante e interessante para as camadas sociais em que foi desenvolvida. O público visado pelo projeto são, pelo legado da história, descendentes de africanos que foram escravizados para as américas concretamente, ou seja, a maioria parte para o Brasil necessitavam de conhecer as suas origens e conhecer as heranças que foram deixadas pelos seus ancestrais com intuito de compreender melhor o meio os cercam.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradecer o projeto PIBID pela oportunidade de nos proporcionar momentos únicos, neste caso, como futuros professores a possibilidade de ambientarmos e experimentamos os espaços com o qual serão futuros espaços da nossa atuação como docentes e, por outro lado, aos coordenadores do projeto, as/os supervisores e as instituições escolares que abraçaram o projeto. Em especial, a Unilab pela oportunidade de formação de igualdade impar que me proporcionou. E agradecemos imensamente ao professor Igor pela orientação. E o nosso muito obrigado a professora supervisora Nayara pelo apoio, e carinho durante o meu trajeto deste projeto.

REFERÊNCIAS

G1BA. Patrimônio **histórico de mais de 400 anos, Igreja de Santo Antônio é interditado por problemas estruturais**. Disponível em: https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/patrimonio-historico-de-mais-de-400-anos-igreja-de-sao-francisco-do-conde-e-interditada-por-problemas-estruturais.ghtml. jan.2018 . Acesso em 22. Agosto.2018

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. **Práticas de ensino em projeto de educação patrimonial**: a produção de saberes educacionais. Pro-Posições, Campinas, v.24, n. 1(70), p. 93-107, jan/abr. 2013

MATTOZZI, Ivo. **Currículo de história e educação para o patrimônio:** educação em revista, Belo Horizonte. sv, n. 47, p.135-155, jun. 2008

NASCIMENTO, Beatriz. **O conceito de Quilombo e a Resistencia Cultural Negra**: Formação Intervenção e Pesquisa em estudo, raça, gênero e juventude, Instituto Kaunza, São Paulo, sv, sn. 2006

OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira de. **Da sala de aula para a rua ou da rua para sala de aula? Os movimentos inesperados da vida na cidade e a relação com o saber escolar**: Revista História Hoje, Londrina, v.3, n. 6, p. 121-137, dez.2014

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **Educação, Memória e Patrimônio**: ações educativas em museu e o ensino de história. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 30, n. 60, p. 143-154, dez. 2016

PEREIRA, Júlia Sales, MIRANDA, Sonia Regina. **Porque seguir pensamento, hoje em dia, nas conexões entre práticas de memória patrimônio e ensino de história?** Revista História Hoje, Londrina, v. 3, n. 6, p. 11-18, dez. 2014

PINTO, Helena. **Os centros históricos como laboratórios de educação histórica e patrimonial.** Revista

História Hoje, Londrina, v. 5, n. 9, p. 49-75, jun. 2016

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Uma questão de tempo: os usos da memória nas aulas de história.** Cad. Cedes, Campinas, v. 30, n. 82, p. 397-411, set-dez. 2010

ZARBATO, Jaqueline Aparecida Martins. **Educação Patrimônio e Aprendizagem história: percursos epistemológicos na história ensinada:** História e Ensino, Londrina, v.23, n. 1, p. 31-55, jan./Jun.2017